

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Da sociolinguística à socioterminologia: definindo conceitos

De la sociolinguistique à la socioterminologie: définition de concepts

Flávia Medeiros de Carvalho¹

Alice Maria Araújo Ferreira²

RESUMO: O presente artigo busca evidenciar e definir alguns conceitos essenciais referentes à terminologia e à socioterminologia. Nesse intuito, esses conceitos aqui discutidos são ilustrados por meio da obra de Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, que exemplifica bem a prática socioterminológica. Trata-se de uma obra que traz informações sobre o folclore brasileiro, como folguedos populares, figuras indígenas, instrumentos musicais, danças e tantos outros temas pertencentes à cultura brasileira. A socioterminologia é uma área descritiva que tem como objetivo as variações terminológicas, seguindo a mesma linha da sociolinguística proposta por William Labov, da qual surgiu esse novo conceito (socioterminologia), explorado por François Gaudin. Há outro ponto chave tratado aqui, a etnoterminologia, uma subárea da terminologia cujo objeto é o discurso etnoliterário. Essa também é uma abordagem descritivista e está presente nas definições dos termos do dicionário. Nesse âmbito, percebemos que fazer uma tradução do dicionário cascudiano implica uma tradução etnográfica, ou seja, uma tradução-explicação que descreve parte da cultura de um povo (brasileiro), de uma manifestação sociocultural – nesse caso o folclore. A tradução etnográfica trabalha com a definição de **coisas**, ou seja, a realidade extralinguística. O dicionário cascudiano discorre sobre essa realidade extralinguística própria do Brasil, o folclore brasileiro.

Palavras-chave: Terminologia; Socioterminologia; Sociolinguística; Etnoterminologia; Tradução etnográfica.

RÉSUMÉ : Le présent article a pour but mettre en lumière et définir certains concepts essentiels qui se rapportent à la terminologie et à la socioterminologie. À cet objectif, ces concepts ici discutés sont illustrés par l'intermédiaire de l'oeuvre de Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, qui est un bon exemple de la pratique socioterminologique. Il s'agit d'une oeuvre qui contient des informations sur le folklore brésilien comme les *folguedos* populaires, les personnages indigènes, les instruments de musique, les danses et tant d'autres thèmes relatifs à la culture brésilienne. La socioterminologie est un domaine descriptif qui a comme objectif les variations terminologiques, et suit donc la même ligne de la sociolinguistique proposée par William Labov, d'où ce nouveau concept est apparu (socioterminologie) et est exploité par François Gaudin. Il y a un autre point clé traité ici, l'ethnoterminologie, un sous-domaine de la terminologie dont l'objet est le discours ethnolittéraire. Celle-ci est aussi une approche descriptiviste et elle se trouve dans les définitions des termes du dictionnaire. Dans ce sens, faire une traduction du dictionnaire de Cascudo entraîne une traduction ethnographique, c'est-à-dire, une traduction-explication qui décrit une partie de la culture d'un peuple (brésilien), d'une manifestation socioculturelle – dans ce cas le folclore. La traduction ethnographique travaille avec la définitions de "choses", autrement dit, la réalité extralinguistique. Le dictionnaire de Cascudo discourt sur cette réalité extralinguistique propre du Brésil, le folklore brésilien.

Mots-clé: Terminologie; Socioterminologie; Sociolinguistique; Ethnoterminologie; Traduction ethnographique.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PosTrad) da Universidade de Brasília(UnB) - e-mail: fmc0984@yahoo.com.br

² Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente professora de Tradução no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução e no Programa de Pós-graduação – Mestrado em Estudos da Tradução (PosTrad) da Universidade de Brasília (UnB)

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

1 Introdução

A sociolinguística é uma ciência recente, que revolucionou os preceitos e pensamentos conhecidos e definidos, no âmbito da linguística, por Saussure e Chomsky, integrando, em sua nova perspectiva, o fator social da língua e, com isso, as variações linguísticas. Do mesmo modo, a socioterminologia também sentiu a necessidade de integrar a situação comunicativa nos seus aspectos sociais e as variantes no campo da terminologia. Segundo Faulstich, “as variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, lingüística e geográfica, faz do termo” (FAULSTICH, 2001, p.22). Com isso, veremos que essas duas abordagens são importantes para o estudo da linguagem usual e especializada ou temática. Esta última é contextualizada, aqui, através do dicionário de Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2002). Uma obra que traz informações sobre o folclore brasileiro, como folguedos populares, figuras indígenas, instrumentos musicais, danças e tantos outros temas pertencentes à cultura brasileira. Nesse sentido surge, também, outra abordagem importante, a etnoterminologia.

2 Terminologia

A palavra terminologia tanto se refere aos termos especializados de uma determinada área como ao campo de estudos ou disciplina, nesse caso grafada como Terminologia, conforme afirmam Krieger e Finatto (2004). Essa é uma área teórica e aplicada, pois também se ocupa da produção de dicionários especializados, glossários e banco de dados terminológicos. A Terminologia surgiu da necessidade de uma padronização, normatização da língua, devido ao grande desenvolvimento científico, tecnológico e econômico observado no decorrer da história humana. Conforme afirma Alain Rey “[...] *les activités dites terminologiques se sont développées dans des situations où l'exercice d'une activité*

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

scientifique, technique, administrative etc., souffrait d'imprécision, quant à l'expression et à la formation du discours indispensable à l'organisation du domaine" (REY, 1992, p. 17).³

Como “ciência da linguagem, ela é também uma ciência social e, juntamente com a antropologia, a sociologia, a história, a geografia, a linguística e outras, participa do processo de consolidação (e, talvez, de contestação) de uma sociedade pós-industrial” (BARROS, 2004, p. 28).

Seu campo de pesquisa é a linguagem especializada e/ou temática, em que o termo, juntamente com a fraseologia e a definição, constitui a unidade terminológica essencial para essa comunicação especializada e corresponde a um ato de denominação, segundo Wüster:

Uma unidade Terminológica consiste em uma palavra à qual se atribui um conceito como seu significado [...] ao passo que, para a maioria dos linguistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo (WÜSTER, 1998 apud KRIEGER & FINATTO, 2004, p. 76).

Lídia Almeida Barros (2004) explica que a linguagem de especialidade ou língua de especialidade foi, por muito tempo, compreendida como subsistemas da língua geral, característicos dos discursos especializados, chamados por ela de “tecnoletos”:

Durante anos as **línguas (ou linguagens) de especialidade** (grifos nossos) foram entendidas como “subsistemas lingüísticos que compreendem o conjunto dos meios lingüísticos próprios de um campo da experiência (disciplina, ciência, técnica, profissão etc.)” (BOUTIN-QUESNEL, 1985 apud BARROS, 2004, p. 42).

Esses subsistemas “[...] se caracterizavam como subconjuntos da língua geral. Atualmente prefere-se falar de ‘sistema de comunicação oral ou escrita usado por uma comunidade de especialistas de uma área particular do conhecimento’” (PAVEL & NOLET, 2002 apud BARROS, 2004, s/p).

³ “[...] as atividades ditas terminológicas desenvolveram-se em situações onde o exercício de uma atividade científica, técnica, administrativa, etc., sofria de imprecisão quanto à expressão e à formação do discurso indispensável na organização da área” (REY, 1992, p. 17, tradução nossa).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

A terminologia, conforme afirma Rondeau, não é uma prática nova, já que a linguagem especializada faz parte da linguagem humana há séculos.

A terminologia não é um fenômeno recente. Com efeito, tão longe quanto se remonte na história do homem, desde que se manifesta a linguagem, nos encontramos em presença de línguas de especialidade, é assim que se encontra a terminologia dos filósofos gregos, a língua de negócios dos comerciantes cretas, os vocábulos especializados da arte militar, etc. (RONDEAU, 1984 apud KRIEGER & FINATTO, 2004, p. 24).

O campo da Terminologia foi marcado pelos estudos de Eugen Wüster, considerado o pai da terminologia, nos anos 1930, em que os enfoques cognitivo e normativo eram tidos como os elementos essenciais para a área, o que deu origem à Teoria Geral da Terminologia (TGT). Nesse sentido, Wüster defende a não ambiguidade e a univocidade na linguagem especializada, rejeitando qualquer variação linguística, polissemia e sinonímia. A criação de uma teoria que pudesse estabelecer uma univocidade e eliminar a ambiguidade nas comunicações entre especialistas de um mesmo campo de saber ou de campos diferentes suscitou, por parte do engenheiro austríaco, uma metodologia baseada na sistematização de conceitos. Diante disso, a terminologia estabeleceu fronteiras entre os especialistas, não permitindo a comunicação entre eles dentro de uma mesma área, vez que cada um se especializa no seu próprio domínio do saber, e, com isso, não há uma troca entre eles, impossibilitando a interdisciplinaridade.

A TGT é estruturalista; ela cria termos e seu processo é onomasiológico, ou seja, ela parte do conceito para o termo, estabelecendo uma relação de denominação. Não busca o uso real empregado pelos especialistas e usuários de uma determinada área e é, segundo Gladis Maria de Barcellos Almeida (2003), válida somente para a comunicação standardizada. Nesse âmbito, sua aplicação é perfeitamente aceitável e adequada às áreas que necessitam de uma verdadeira padronização de suas atividades para a eficácia da comunicação. Ainda em Barros encontramos:

[...] faz-se necessário trabalhar pela normalização ou harmonização da terminologia própria da empresa ou do setor industrial/comercial de atuação da mesma. Os termos

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

fundamentais devem ser analisados e tratados, definidos e registrados, de modo que se evitem contradições, erros, ambiguidades, interpretações dúbias. Essa normalização deve facilitar não apenas o desenvolvimento de projetos de engenharia ou manutenção, mas também o funcionamento dos departamentos de marketing, compra e venda (LEAL, 1998 apud BARROS, 2004, p. 90).

De fato, são muitos os benefícios que uma empresa, um mercado pode obter com a normatização terminológica, e os objetivos principais desta são:

- a) otimizar o processo de comunicação no domínio de todas as atividades desenvolvidas;
- b) agilizar o processo de informação em toda a empresa;
- c) oferecer à comunidade, por meio de termos e linguagem técnica adequados, informações atualizadas nos aspectos científico, tecnológico, econômico, administrativo e outros de uso comprovado na indústria;
- d) identificar os termos técnicos nacionais e estrangeiros e sua correspondente definição em língua portuguesa;
- e) minimizar algumas falhas encontradas na comunicação em setores de
- f) contribuir para ampliar as fronteiras da Terminologia como disciplina;
- g) servir de ferramenta para a geração de glossários de termos;
- h) normalizar conceitos básicos do linguajar corrente, prestar informações sobre o estágio de desenvolvimento das diversas subáreas de atuação, elucidando termos citados na literatura técnica, manuais, instruções de uso de máquinas e equipamentos, bem como facilitar os processos produtivos e de comercialização;
- i) contribuir para as ações que estão sendo criadas no âmbito do MERCOSUL para o desenvolvimento de bancos de dados terminológicos, entre outros (LEAL, 1998 apud BARROS, 2004, p. 90).

Como vemos, a TGT, apesar de seu caráter fortemente prescritivo, continua muito útil para certos setores, e sua aplicabilidade é essencial para as ciências exatas e muitas áreas tecnológicas e científicas.

3 Sociolinguística

A língua é um “fato social” para Saussure (1916/2006) porque é um sistema homogêneo de signos linguísticos compartilhado por todos os falantes. No entanto, ele separa o estudo da *langue* (Linguística da língua) do estudo da *parole* (Linguística da fala), onde justamente encontra-se a diversidade. Por ser um fato social, a língua não pode ser concebida

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

sem suas variedades diatópicas, diastráticas, diafásicas e históricas. Estas dizem respeito à região geográfica, gênero /sexo, classe social dos falantes, profissão, educação, idade, grau de formalidade do contexto, e momento histórico.

A Sociolinguística, cujo elemento essencial é a variação, quer estudar a língua na sua funcionalidade, ou seja, os contextos socioculturais de uso real. “Ela opõe-se à análise *in vitro* das terminologias (como faz a TGT) e propõe um estudo *in vivo* nas línguas de especialidade.” (BARROS, 2004, p. 64). Braga e Mollica assim a definem:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando principalmente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (BRAGA; MOLLICA, 2003, p. 9).

Assim, só a partir dos anos 1960, principalmente com o linguista William Labov e a Teoria Variacionista, que as investigações em torno da variação linguística tiveram maior repercussão.

Para Labov, fazer linguística implica relacionar o social à língua, uma vez que se pode falar de mudança linguística e de variação apenas se houver uma comunidade de fala, ou seja, falantes que compartilham traços linguísticos que os diferenciam de outros grupos, e são vinculados por relações sociais ou geográficas. Segundo o autor, a variação dá-se tanto dentro da sociedade - variação horizontal - como no indivíduo - variação vertical (LABOV, 2008).

4 Socioterminologia

O desenvolvimento da socioterminologia surgiu dos passos da sociolinguística. O termo é a junção morfológica de duas áreas: sociolinguística e terminologia. Gaudin explica que o conceito de socioterminologia se desenvolveu no Quebec e na França, nos anos 1970, e foi no início dos anos 80 que se estabeleceu de fato:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Les liens entre sociolinguistique et terminologie existent depuis le développement d'une réflexion terminologique, ceci au début des années 1970. Déjà, Louis Guilbert affirmait que la signification du terme "relève et de la rhétorique et de la grammaire et de la sociolinguistique" (GAUDIN, 1993, p. 68).⁴

A socioterminologia é um ramo da linguística, que privilegia os aspectos sociais da linguagem de especialidade. Assim, do mesmo modo que a sociolinguística entrou em cena preocupada com o aspecto social e variacionista da língua, a socioterminologia também surgiu dessa mesma necessidade de evidenciar o uso real da linguagem especializada, conforme afirma Gaudin:

[...] Et à partir de 1986, le terme devient, sous la plume d'Yves Gambier, une désignation programmatique, la terminologie devant "se transformer d'urgence en socioterminologie" (Gambier, 1986:320) si elle se veut soucieuse du fonctionnement des termes et des conditions sociolinguistiques. La socioterminologie est donc, à l'image de la sociolinguistique, une terminologie remise sur ses pieds (GAUDIN, 1993, p. 67).⁵

Surge, então, uma ciência que reconhece a variação terminológica, até então inapropriada para a teoria clássica geral de Wüster, mencionada acima, que tem o “objetivo de delinear diretrizes pragmáticas de normatizar as terminologias, visando a facilitar seu uso unívoco mundialmente” (KRIEGGER & FINATTO, 2004, p. 28).

Com efeito, a TGT propõe uma visão prescritiva e normatizadora em que a unidade do sistema, o termo, seria marcada pelos seguintes critérios: univocidade, monorreferencialidade e dependência a uma área.

Essas características são, porém, bastante criticadas. Gaudin (1993, p.78) afirma que a univocidade do termo só existe se o termo A designa o conceito A', apenas, e o conceito A' só pode ser designado pelo termo A. Isso implicaria uma monorreferencialidade do termo, ou

⁴ “[...] As relações entre sociolinguística e terminologia existem desde o desenvolvimento de uma reflexão terminológica, isto no início dos anos 1970. Louis Guilbert já afirmava que a significação do termo “relevo da retórica, da gramática e da sociolinguística” (GAUDIN, 1993, p.67, tradução nossa).

⁵ “[...] E, a partir de 1986, o termo torna-se, com Yves Gambier, uma designação programática, a terminologia tendo que “se transformar urgentemente em socioterminologia” (GAMBIER, 1986:320) se ela se diz preocupada pelo funcionamento dos termos e das condições sociolinguísticas. A socioterminologia é, à imagem da sociolinguística, uma terminologia reerguida” (GAUDIN, 1993,p.67, tradução nossa).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

seja, para o universo do discurso especializado em questão, o termo tem uma única acepção; é tido, assim, como monossêmico. A monorreferencialidade só é possível se o termo remeter a um só domínio.

Contudo, esses princípios normativos instituídos pela TGT são alvo de questionamentos, vez que não consideram o aspecto social e concreto das linguagens especializadas, conforme Ferreira: “[...] as linguagens especializadas, como qualquer outro tipo de linguagem, são dinâmicas, mutáveis, podendo sofrer variações nos diferentes *chronoi*, *topoi*, *strata* e *phasei*” (FERREIRA, 2004, p. 28). Conclui-se que “A função prescritiva das terminologias, com seu ideal normatizador esquece o caráter negociável dos termos e o caráter dinâmico das ciências” (FERREIRA, 2004, p. 30).

Diante disso, opostos aos estudos terminológicos tradicionais considerados normatizadores, surgem novos pensamentos de cunho linguístico, que visam a um ponto de vista descritivo da linguagem especializada, em que “tratar de terminologia técnico-científica é tratar de questões das línguas e não de um constructo formal idealizado a serviço de uma comunicação restrita ao âmbito de especialistas” (KRIEGGER & FINATTO, 2004, p. 34).

É nesse contexto que a socioterminologia marca presença, com seu principal autor, François Gaudin, que critica essa política normatizadora conferida à Terminologia (TGT) e evidencia a importância da análise do termo sob o ponto de vista linguístico/discursivo, ou seja, o estudo do uso concreto da linguagem técnica, de seu caráter variacionista:

[...] nous tenterons de montrer comment, dans le même mouvement qui a conduit de la linguistique structurale à la sociolinguistique, une socioterminologie peut prendre en compte le réel du fonctionnement du langage et restituer toute leur dimension sociale aux pratiques langagières concernées (GAUDIN, 1993, p. 16).⁶

⁶ “[...] tentaremos mostrar como, no mesmo movimento que conduziu a linguística estrutural à sociolinguística, uma socioterminologia pode levar em consideração a realidade do funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas languageiras concernidas” (GAUDIN, 1993, tradução nossa).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Em outra vertente do estudo terminológico, Maria Teresa Cabré propõe uma Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), segundo a qual existem três dimensões da linguagem: a comunicativa, a linguística e a cognitiva. A respeito dessa teoria, Krieger e Finatto afirmam,

A TCT articula-se baseada na valorização dos aspectos comunicativos das linguagens especializadas em detrimento dos propósitos normalizadores, bem como na compreensão de que as unidades terminológicas formam parte da linguagem natural e da gramática das línguas.” (KRIEGER & FINATTO, 2004, p. 35).

Segundo a autora, seria mais adequado um enfoque comunicativo da linguagem, ou seja, considerando seu aspecto social, seu uso real. Para Cabré, a TGT é inadequada, pois é uma abordagem prescritiva e normatizadora. Ainda segundo a autora, as características do termo, evidenciadas pela TGT, são aplicáveis apenas em teoria: “*En teoria, los términos, a diferencia de las palabras del léxico común, son unidades unívocas (la relación entre forma y concepto es única) y monorreferenciales (un término solo designa un objeto)* (CABRÉ, 1993, p. 213).⁷ Isso porque não levam em consideração a dinamicidade da língua, da linguagem especializada e, com isso, suas possíveis polissemias e sinonímias, conforme explica: “*Si analizamos la relación entre la forma y el contenido de un lexema (especializado o no), observamos que la correspondencia entre ambas partes no suele ser unívoca sino múltiple*” (CABRÉ, 1993, p. 213).⁸

Dessa forma, a TCT considera que as variações podem ocorrer numa área de especialidade devido a diferentes situações de comunicações.

O exemplo conferido por René Strehler (1995), quanto à terminologia de autopeças, evidencia essa situação. O autor verificou que, na área em questão, há variantes terminológicas.

Assim, o catálogo do fabricante Borauto menciona uma peça chamada *anel de descarga*. Os mecânicos chamam-na de *biscoito* ou *junta de descarga*. Na ficha *anel*

⁷ Em teoria os termos, diferentemente das palavras do léxico comum, são unidades unívocas (a relação entre forma e conceito é única) e monorreferenciais (um termo designa apenas um objeto) (CABRÉ, 1993, tradução nossa).

⁸ “Se analisamos a relação entre forma e conteúdo de um lexema (especializado ou não), observamos que a correspondência entre ambas as partes, normalmente, não é unívoca, mas múltipla” (CABRÉ, 1993, p. 213, tradução nossa).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

de descarga, dá-se o tratamento mais pormenorizado possível; e os termos *biscoito* e *junta de descarga* figuram no campo "variantes socioprofissionais". Já no caso das fichas "biscoito" e "junta de descarga", o tratamento vai unicamente até o campo "definição", onde o leitor encontra, em vez de uma definição, uma remissiva ao termo que goza de uma atestação escrita, *anel de descarga* neste caso. (STREHLER, 1995, p. 2).

Como observado nesse caso, um objeto pode ser nomeado de outra(s) maneira(s), sendo numa primeira designação dita “oficial” e dirigida a fabricantes de peças automotivas, ao posto que, na segunda, refere-se a mecânicos e, até mesmo, proprietários de carros, tratando-se de um termo mais popular. Já com o princípio de univocidade, declarado pela TGT, o termo não trata de vários nomes para um conceito.

Contrariamente aos pressupostos da TGT, o fator social revela-se importante para a área terminológica, conforme ilustra o exemplo acima, em que há dois meios profissionais que se utilizam de termos diferentes para um mesmo conceito, o que é possível através da socioterminologia.

Fica claro que existe uma relação entre a sociolinguística e socioterminologia, considerando-se que esta também estuda os termos sob uma perspectiva linguística, social e comunicativa. A professora e pesquisadora em terminologia Enilde Faultstich explica:

[...] o modelo sociolinguístico funcionará como um guia para o exame da funcionalidade socioterminológica cujo corpus é a linguagem de especialidade. Observe-se, todavia, que socioterminologia não é sociolinguística. A primeira se ocupa da variação social que o termo sofre nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso científico e técnico. A sociolinguística, por sua vez, trata da variação social por que passa a língua geral, no decorrer de sua sincronia, em vista da mudança que poderá vir a ocorrer (FAULTSTICH, 1996, p.15).

5 Uma visão socioterminológica e etnoterminológica da obra de Câmara Cascudo

O dicionário de Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, é uma obra que traz informações sobre o folclore brasileiro, como folguedos populares, figuras indígenas, instrumentos musicais, danças e tantos outros temas pertencentes à cultura brasileira.

A obra discorre sobre a realidade extralinguística própria do Brasil, o folclore brasileiro. São realidades ligadas ao imaginário coletivo de uma comunidade.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Com efeito, a obra cascudiana ilustra bem essa abordagem socioterminológica, pois repertoria uma terminologia própria do discurso folclórico, de maneira descritiva e variacionista.

Como vimos, a socioterminologia é uma abordagem descritiva e social da terminologia, em que os pressupostos socioterminológicos defendem uma variação sociodiscursiva na linguagem terminológica.

A abordagem descritiva da socioterminologia está bastante presente no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2002), através das diversas variantes notificadas nos verbetes. Estes registram as variantes no final da definição através da remissiva introduzida por “Ver” como, por exemplo, nos verbetes:

Boi-Bumbá (p. 70). Ver **Bumba-meu boi**

Folguedo do Boi (p. 241). Ver **Bumba-meu-boi**;

Boi-calemba (p. 71). Ver **Bumba-meu-Boi**;

Boi-de-Reis (p. 72). Ver **Bumba-meu-boi**.

O autor, percebe-se, elege suas variantes sempre de acordo com um critério, nesse caso, o geográfico, correspondendo-as a uma dada cidade, região ou estado brasileiro. De fato, o termo “Bumba-meu-boi” é tomado como referência padrão, pelo autor, em relação às diversas outras denominações regionais tidas como suas variantes e sobressaindo-se sobre estas. Cascudo estabelece, assim, uma normatização, e, apesar de o dicionário ser descritivo, ao definir um termo como o normativo, torna-se igualmente prescritivo. Há, também, as várias acepções que certos termos comportam em suas definições, como em qualquer outro dicionário, por exemplo, no caso do verbete “cabra”.

Cabra. 1) Cabra é, em Pernambuco, sinônimo de homem ou talvez mais particularmente de homem forte, sujeito destemido e petulante. “Fulano é cabra danado” é frase muito comum. 2) Uma das personagens no folguedo do Boi. (*Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2002, p. 90).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

As acepções são características de que um termo é polissêmico, ou seja, a socioterminologia permite a concepção de outros significados para um mesmo termo, indo de encontro à teoria prescritiva, que estabelece a univocidade do termo.

Outro ponto também relevante é a variante terminológica gráfica presente em certos termos, como:

Atabaque, Tabaque (2002, p. 29);

Bernúncia, Bernunça (2002, p. 64);

Faricoco, Farricoco (2002, p. 226).

Enilde Faultstich evidencia que as variantes terminológicas podem ser divididas em dois grandes grupos: as variantes linguísticas em que o “fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação” (2001, p. 27) e as variantes de registro, em que a “variação decorre do ambiente de concorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos linguísticos dos termos” (2001, p. 28).

A autora ainda mostra que as variantes linguísticas podem ser classificadas como variante terminológica morfossintática, variante terminológica lexical, e variante terminológica gráfica. As variantes de registros, por sua vez, são categorizadas em variante terminológica geográfica, variante terminológica de discurso, variante terminológica temporal.

Assim, as variantes aqui mostradas ilustram algumas das variações contidas no dicionário de Câmara Cascudo, cujo objetivo é descritivo; nesse caso, não podem ser omitidas.

A terminologia do dicionário contém, também, uma abordagem etnoterminológica, igualmente descritiva. A etnoterminologia é, segundo Maria Aparecida Barbosa (2009), uma subárea da terminologia, cujo objeto é o discurso etnoliterário. Por etnoterminologia subentende-se o conceito de etnografia, uma ciência auxiliar da antropologia que se dedica ao estudo de um povo, ou seja, à descrição de sua língua, sua cultura, sua religião, seus costumes. Na definição de Barbosa (2009, p.139), “A Etno-terminologia estuda discursos

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

etno-literários: literatura oral, literatura popular, literatura de cordel, fábulas, lendas, mitos, folclore e discursos das linguagens especiais com baixo grau de tecnicidade e de cientificidade”.

Nessa perspectiva, o universo discursivo no dicionário é o folclore⁹, que constitui um discurso figurativo, visto como discurso etnoliterário, o objeto em questão da etnoterminologia, conforme atesta Maria Margarida de Andrade:

O objeto da etnoterminologia são os discursos etnoliterários, considerados por Greimas (1976, p. 3) discursos figurativos (folclore, mitologia, literatura), que, por sua vez, remetem à Antropologia: “ciência do homem no sentido lato, que engloba origens, evolução, desenvolvimento físico, material e cultural, fisiologia, psicologia, características sociais, crenças etc. (...) Antropologia cultural é o estudo da cultura, servindo-se dos dados das outras ciências: arqueologia, etnologia, etnografia, linguística, economia etc. (HOUAISS, 2001apud ANDRADE, Cadernos do CNLF, vol. XIV, nº 2, [s.d], t. 1).

6 Etnoterminologia e tradução etnográfica

A língua, como ferramenta de trabalho do tradutor, é um meio de expressão que faz parte da cultura, conforme Taylor¹⁰. O semiótico russo Jurí Lotman alega que “Nenhuma

⁹ Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos. Os estudos de folclore, como integrantes das Ciências Humanas e Sociais, devem ser realizados de acordo com metodologias próprias dessas Ciências. Sendo parte integrante da cultura nacional, as manifestações do folclore são equiparadas às demais formas de expressão cultural, bem como seus estudos aos demais ramos das Humanidades. Consequentemente, deve ter o mesmo acesso, de pleno direito, aos incentivos públicos e privados concedidos à cultura em geral e às atividades científicas (Carta do Folclore Brasileiro, 1995, p. 1).

¹⁰ “[...] tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TAYLOR, 1871 apud LARAIA, 2009, p. 25).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

língua pode existir, a menos que ela esteja inserida no contexto de cultura, e nenhuma cultura pode existir, a não ser que tenha em seu núcleo a estrutura de língua natural” (LOTMAN, 1978 apud BASSNETT, 2005, p. 36). Para Meschonnic “A Língua é o sistema da linguagem que identifica a mistura inextricável entre uma cultura, uma literatura, um povo, uma nação, indivíduos, e aquilo que eles fazem dela” (2010, p. 20).

A cultura é parte essencial da etnografia. A etnografia, como ciência auxiliar da antropologia, dedica-se ao estudo de um povo, ou seja, à descrição de sua língua, sua cultura, sua religião, seus costumes. A antropologia, por sua vez, é mais ampla, visto que estuda o Homem e suas relações sociais, comportamentais, culturais etc. Entende-se por relações culturais - cultura - os tipos de manifestação social, como hábitos, rituais, folclore.

A importância da cultura tanto para a etnografia, quanto para a antropologia é fundamental. Também o é para a tradução, já que todo ato tradutório implica não somente uma mudança de língua mas um contexto linguístico e sociocultural diferentes, estando, portanto, ambas intimamente ligadas. Tanto o autor de uma obra como o tradutor estão sujeitos a uma cultura própria. O primeiro transporta sua cultura pela escrita, de maneira mais ou menos evidente, a um público mais seletivo; já o segundo leva essa cultura a um público maior de formação cultural diversa.

Então, como um etnógrafo que estuda um povo e o descreve, traduzir o *Dicionário do Folclore Brasileiro* é também agir como tal. Nesse sentido, fazer uma tradução do dicionário de Câmara Cascudo para o francês significa realizar uma tradução etnográfica, pois há uma realidade brasileira, valores locais que precisam ser explicitados ao público-leitor estrangeiro. Assim como também o fez Lévi-Strauss em *Tristes Tropiques* (1955), ensaio que traz um relato de sua vivência com uma sociedade de índios tupiniquins, na qual o etnógrafo francês faz suas observações pessoais e a descrição do Brasil daquela época, por meio de traduções etnográficas.

Existe uma cultura brasileira que deve ser explicada a outra cultura, outra língua e que, muitas vezes, devido à especificidade dos termos característicos da cultura doméstica, como “cerrado” e “fazenda”, e do vocabulário folclórico, “bumba meu boi” e “pajé”, por exemplo, não têm uma tradução de substituição ou correspondente.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

A tradução-explicação, ou seja, a tradução etnográfica descreve parte da cultura de um povo (brasileiro), de uma manifestação social - o folclore. Nesse âmbito, a tradução etnográfica é a tradução de coisas, e não de palavras. Trabalha com a realidade extralinguística; todavia essas coisas recebem a carga cultural do imaginário do povo que as cultiva. Passa a ser a explicação do que é a coisa. O dicionário cascudiano discorre sobre essa realidade extralinguística própria do Brasil, o folclore brasileiro, o que torna impossível, em termos de equivalência, haver qualquer tipo de correspondência entre o português e o francês. No entanto, é verdade que há realidades extralinguísticas que não pertencem a um país, mas têm traduções, termos equivalentes. Por exemplo, o termo elefante. Não existem elefantes, nem mesmo leões no Brasil e na França, contudo, tem-se uma palavra, um signo linguístico, que corresponde a esses animais tanto na língua francesa como na língua portuguesa; isso é provavelmente devido a uma assimilação, propagação da cultura a que pertence essa realidade. Já as realidades ligadas ao imaginário coletivo de uma comunidade, como o folclore, não têm tradução, tampouco equivalentes. É impossível, nesse caso, traduzir as palavras boi-bumbá, cavaquinho ou fazenda, não só para o francês, mas para qualquer outro idioma, já que esses termos são de uma realidade extralinguística diferente.

Para Regina Corrêa (2003), há uma impossibilidade de transpor esses “signos culturais” (2003, p. 95.), devido às diversas associações que contextualizam, nesse caso, os termos acima. “Essas associações, por sua vez, são consequência da nossa experiência como falante, do nosso conhecimento antropológico-cultural da língua em questão” (2003, p. 95). Segundo a autora, jamais conseguiríamos transmitir os valores tanto histórico, antropológicos como culturais que estão associados ao termo. Para Corrêa, “quando se refere aqui a signo cultural, trata-se realmente daquela experiência inexplicável, daquilo que é intraduzível, a não ser que ambos, emissor e receptor, tenham a mesma vivência cultural” (2003, p. 97). De fato, a impossibilidade de tradução dessa cultura, de corresponder o termo em sua língua original a uma equivalência na língua estrangeira, conduz a uma tradução definição ou tradução etnográfica, tal como no exemplo a seguir (CASCUDO, 2002, p. 72):

BOI-DE-REIS. No estado do Rio de Janeiro são encontrados o Boi-de-Reis ou Reis-de-Boi, o Boi-pintadinho ou Boizinho, numa variante

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

do Bumba-meu-boi. Esses folguedos, que se realizam no período compreendido entre as vésperas do Natal e 6 de janeiro, foram estudados e pesquisados por Cascia Frade. Ver **Bumba-meu-boi**.

BOI-DE-REIS. *Dans l'État de Rio de Janeiro on trouve le Boi-de-Reis ou Reis-de-Boi, le Boi-Pintadinho ou Boizinho, comme des variantes du Bumba-meu-boi. Ces folguedos, qui se déroulent pendant la période comprise entre la veille de Noël et la veille du 6 janvier, ont été la source des études et des recherches entreprises par Cascia Frade.*

Voir **Bumba-meu-boi**.

É notável a importância que língua e cultura têm na prática tradutória, pois, se a tradução é também um processo comunicativo, é pela língua que ela se efetiva, e esta por sua vez é fruto da cultura. Ambas estão intimamente ligadas, pois o homem por meio de sua língua, pela linguagem, pode comunicar-se, e essa possível comunicação “[...] é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” (LARAIA, 2009, p. 52).

A cultura sempre foi um fator importante na tradução; já no século 18 os românticos alemães usavam a palavra *Bildung* tanto no significado de cultura e progressão como no sentido de retorno no processo da tradução, podendo ainda ser definida como *Über-Setzung*, um movimento da tradução. Antoine Berman (1984), em seu livro *L'épreuve de l'étranger* destaca essa importância da tradução na cultura alemã desse século.

Traduzir implica lidar com as diferenças culturais, que constituem, até certo ponto, uma barreira à tradução, e nesse aspecto surgem as questões da possível intraduzibilidade.

7 Considerações finais

Observamos que a sociolinguística é uma área que não apenas se tornou influente no campo da linguística, através dos seus novos fundamentos de cunho social, como também serviu de base para se pensar numa nova proposta para a terminologia, a socioterminologia. Essa nova disciplina surgiu da preocupação de certos teóricos em obter uma nova teoria da terminologia, que levasse em conta o uso verdadeiro da linguagem especializada, ou seja, seu

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

aspecto social e suas variantes terminológicas, opondo- se, então, à teoria wüsteriana, conhecida como prescritiva e normativa. Contudo, inobstante seu caráter normalizador, a TGT é imprescindível para certos campos/setores. Notamos que, apesar de ambas as disciplinas estudarem a linguagem sob a perspectiva linguística e social, diferem quanto ao seu campo e objeto de estudo.

A socioterminologia, juntamente com a etnoterminologia, uma subárea da terminologia, são duas abordagens descritivas na área terminológica e tornam- se necessárias para a possível tradução dos verbetes do dicionário de folclore de Câmara Cascudo. Visto que o objetivo da obra é descritivo, as variantes dos termos que compilam o universo discursivo do folclore no dicionário não podem ser omitidas.

Quanto ao processo de tradução, é evidente que este implica, necessariamente, um envolvimento, em maior ou menor grau, com a cultura da língua para a qual se traduz, sem mencionar que o tradutor também carrega consigo sua própria bagagem cultural durante todo o traduzir. Assim, toda vez que se trabalha com língua(s), é impossível não considerar a questão da cultura, vez que a língua está relacionada a sistema cultural e social. De fato, língua e cultura são indissociáveis, e um exemplo claro dessa união são os próprios fraseologismos. Logo, todo tradutor consciente dessa comunhão estará, constantemente, cercado por problemas, desafios culturais atrelados a toda tradução, cuja função é de levar, também ao leitor estrangeiro, uma cultura diversa da sua.

Referências

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O percurso da terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. In: *TradTerm*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 211-222, 2003.

ANDRADE, Maria Margarida de. *A unidade lexical no discurso etnoliterário*. (UPM) Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 2, t. 1. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/62195948/A-UNIDADE-LEXICAL-NO-DISCURSO-ETNOLITERARIO>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

BARBOSA, Maria Aparecida. *Pesquisas em etnoterminologia: o repertório terminológico e cultural em regiões amazônicas*. In: XIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2009, RJ. Livro de Resumos Programação do XIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2009. v. 1. p. 139-139. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiiiicnlf/resumos/pesquisas_em_ernoterminologia_o_repertorio_mmari_aparecida.pdf> Acesso em: 15 mar. 2012.

BARROS, Lídia Almeida. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução*. Trad. Sônia Terezinha Gehring e outros. Porto Alegre, UFRGS, 2005.

BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger*. Paris: Gallimard, 1984.

BRAGA, Maria Luiza (Org.); MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. Disponível em: <<http://www.oliveiro.com.br/pdf/livros/cultura/3110467.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminologia: teoria, metodologias e aplicaciones*. Barcelona: Antártida/Imporeis, 1993.

Carta do Folclore Brasileiro. Bahia, 1995. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.

CORRÊA, Regina Helena Machado Aquino. A tradução dos marcadores culturais extra-linguísticos: Jorge Amado traduzido. In: *TradTerm*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 93-137, 2003.

FAULTSTICH, Enilde. Aspectos da terminologia geral e terminologia variacionista. In: *TradTerm*, São Paulo. v.7, n. 1, p.11-40, 2001.

_____. Variações terminológicas: princípios lingüísticos de análise e método de recolha. *Actes: Reflexions méthodologiques sur le travail en terminologie et en terminotique dans les langues latines*. Nice, Realiter, Université de Nice-Sophie Antipolis, p.15-19. 1996. Disponível em: <<http://www.realiter.net/spip.php?article630>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

FERREIRA, Alice Maria de Araújo. A Terminologia na encruzilhada. In: *Horizontes*, Brasília (DF). Instituto de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada/UnB, vol.3, n.2, 2004, 98 p.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

GAUDIN, François. *Socioterminologie : des problèmes semantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen, Publications de l'Université de Rouen, 1993, 254 p.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia : teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Sherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Tropiques*. PLON, Collection Terre Humaine. Paris, 1955.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do Traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

REY, Alain. *La terminologie: noms et notions*. 2ª ed. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1992 (Que sais-je?).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein.. 27. ed São Paulo : Cultrix, 2006.

STREHLER, René. *A socioterminologia como base para a elaboração de glossários*. Ciência da Informação - Vol. 24, número 3, 1995 - Comunicações. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=8879 ->. Acesso em: 10 fev. 2012.